

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 22R00001

Data: 28/12/93 Pg.:     

AMBIENTE

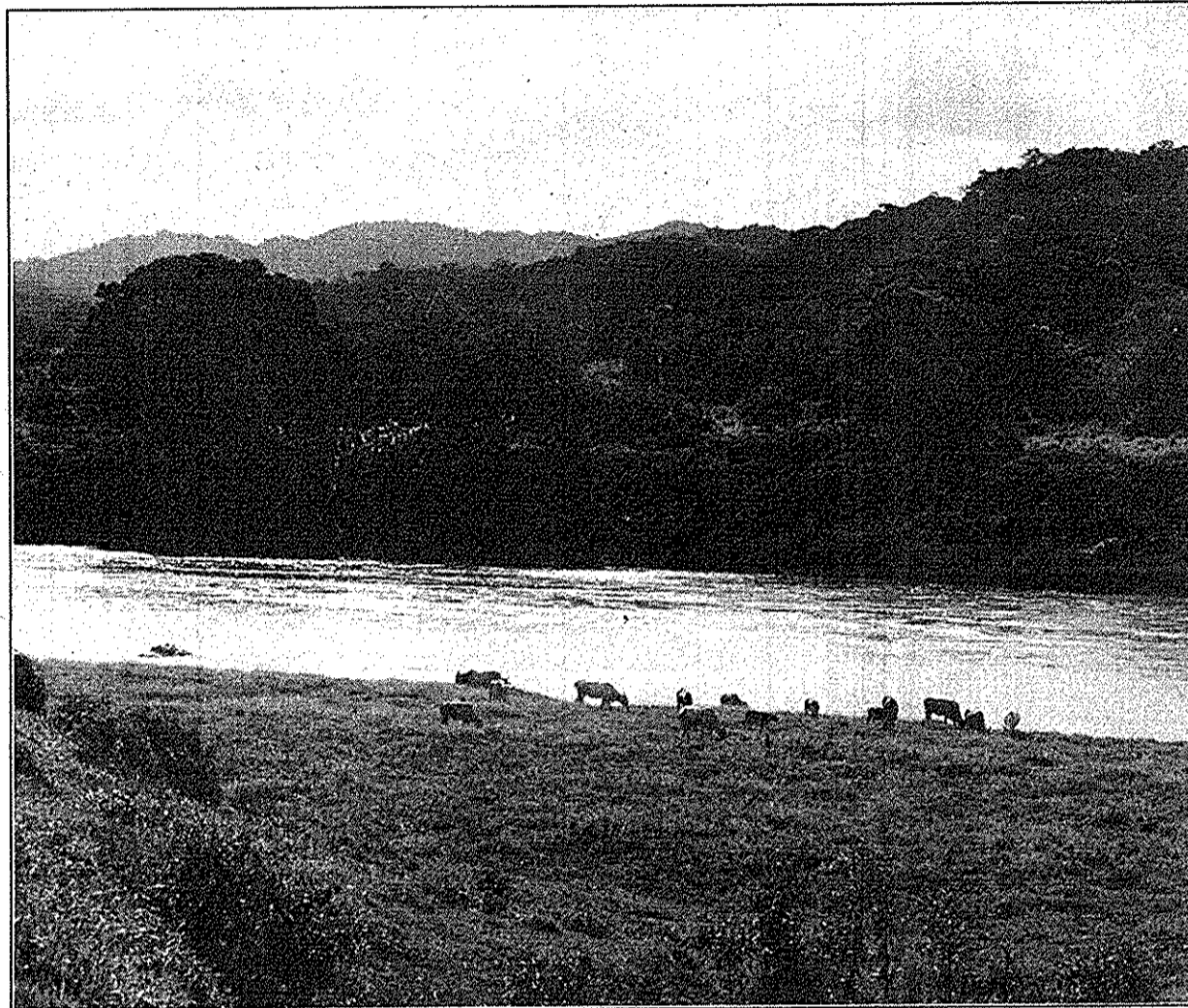
# Usinas ameaçam região do Rio Ribeira de Iguape

*Construção de hidrelétricas pode deslocar 8 mil pessoas que vivem da agricultura e pesca*

LIANA JOHN

**E**LDORADO — Quatro projetos de hidrelétricas pretendem alterar o curso do último grande rio paulista sem barragens, o Ribeira de Iguape. Localizado no extremo sul do Estado, o Ribeira nasce perto de Vila Velha, no Paraná, atravessa a Serra de Paranapiacaba e desce até o litoral paulista, na altura da cidade de Iguape. Corta a maior mancha contínua de Mata Atlântica do País e a região mais pobre de São Paulo, onde quase toda a população vive de agricultura de subsistência, bananicultura, criação de búfalos ou pesca artesanal. As quatro usinas — Tijuco Alto, Funil, Batatal e Itaoca — deslocariam cerca de 8 mil pessoas e inundariam um total de 9.500 hectares, para produzir 423 megawatts de energia. A maior parte dessa energia serviria à expansão da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), do grupo Ermirio de Moraes.

Comparadas a outras usinas paulistas, as áreas inundadas não são grandes, porque o rio tem o leito encaixado em meio a montanhas e a várzea não é muito extensa, o que atenua os impactos ambientais diretos. Conforme Fernando Ferreira Camargo, diretor de meio ambiente da Centrais Elétricas de São Paulo (Cesp), as barragens do Ribeira inundarão 0,2 hectare por kilowatt produzido, metade da média paulista, de 0,5 ha/kw. "A questão principal do Ribeira de Iguape não é a quantidade de Mata Atlântica a ser inundada, mas o destino que se vai dar ao rio", explica João Paulo Capobianco, da Fundação SOS Mata Atlântica. "É preciso discutir se queremos transformar um rio cênico, com grande potencial para o turis-



Rio Ribeira de Iguape corta região de solos calcários e jazidas de ouro, chumbo, cobre e zinco

mo ecológico, numa porção de usinas, para fornecer energia a preços subsidiados, para uma empresa privada exportar alumínio, cujo mercado internacional está em queda". Segundo Capobianco, autorizar a primeira barragem é aprovar todas as outras e assim decidir de forma unilateral o destino do rio. O Conselho Estadual de Meio Ambiente (Consema), do qual o ambientalista faz parte, criou uma comissão para estudar todas as propostas e planos

preparados para o Ribeira, de vários órgãos públicos. "Muitas propostas são incompatíveis e é preciso decidir após conhecer e discutir todas elas", diz Capobianco. "Somos favoráveis à conservação do rio sem barramentos, com recuperação da mata ciliar, preservação do recurso hídrico e

da paisagem", acrescenta.

O Ribeira de Iguape tem características físico-químicas particulares e um tipo de ocupação das margens que pode causar impactos ambientais indiretos, acrescentando novos impactos sociais aos problemas previstos no Estudo e no Relatório

de Impacto Ambiental (EIA-Rima).

O rio corta solos calcários e jazidas de ouro, chumbo, cobre e zinco. Uma mistura de sais minerais e nutrientes, aliada à temperatura e acidez das águas, confere ao Ribeira uma condição especial, da qual dependem a reprodução e sobrevivência de peixes, como a manjuba.

Hoje a manjuba é pescada apenas no estuário do rio, mas já houve tempo em que elas subiam de Iguape até a cidade de Iporanga, distante mais de 160 quilômetros rio acima. A qualidade da água vem sendo alterada pelas minerações de chumbo, pelo esgoto das cidades ribeirinhas e, provavelmente, pelos venenos utilizados nos bananais. "A construção das barragens alteraria ainda mais a composição físico-química das águas, porque os sais decantariam nas águas mais calmas dos reservatórios e o nível de oxigênio mudaria", explica Geraldo G. J. Eysink, da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb).

Outra consequência das barragens pouco estudada é o acúmulo de chumbo e metais pesados. Ainda existem duas mineradoras de chumbo nas margens do Ribeira: a Rocha, no Paraná, e a CAF Argentífera Furnas, em São Paulo. Ambas enviam o minério para beneficiamento na Plumbum, também às margens do rio, no Paraná. As minas são escavadas na terra e não causam maiores impactos, mas o minério é separado da terra e o rejeito amontoado ao lado do rio, ocasionalmente lavado pelas enchentes.

As barragens não causarão contaminação, mas podem multiplicar os efeitos indesejáveis. Além disso, pelo menos uma das mineradoras, a Rocha, deverá ser inundada pela represa de Tijuco Alto. A proposta do empresário Antonio Ermirio é tancar a entrada das minas e em seguida encher os buracos com os rejeitos. "É uma boa proposta, mas precisa ser avaliada", afirma Eysink.

## Lago inundará 5 mil hectares a partir de 99

O projeto de barragem mais adiantado é Tijuco Alto, que produzirá 150 megawatts e inundará quase 5 mil hectares. Toda a energia produzida pela usina será transmitida para a Companhia Brasileira de Alumínio, CBA, e corresponde a 25% da demanda para produção de alumínio, segundo Antonio Ermirio de Moraes, um dos proprietários da CBA. A engenharia está pronta e foram comprados 9.680 hectares de terras, o dobro do que será inundado pela barragem. "Os proprietários já se mudaram, mas deixaram alguns meeiros e posseiros que reassentaremos nas margens do lago, desde que comprovada a posse", garantiu Antonio Ermirio.

O EIA-Rima de Tijuco Alto já foi apresentado em audiência pública e agora tramita pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente de São Paulo. A expectativa de Ermirio é conseguir a aprovação até março de 1994 para iniciar o enchimento do lago no segundo semestre de 1999. A obra custará US\$ 200 milhões e será de investimento totalmente privado.

Entre as barragens da Companhia Energética de São Paulo (Cesp), a do Funil seria construída primeiro. A estimativa de custo é de US\$ 315 milhões, para produzir 160 megawatts. As outras duas barragens — Batatal e Itaoca — estão em fase de estudos e devem custar US\$ 240 milhões. (L.J.)

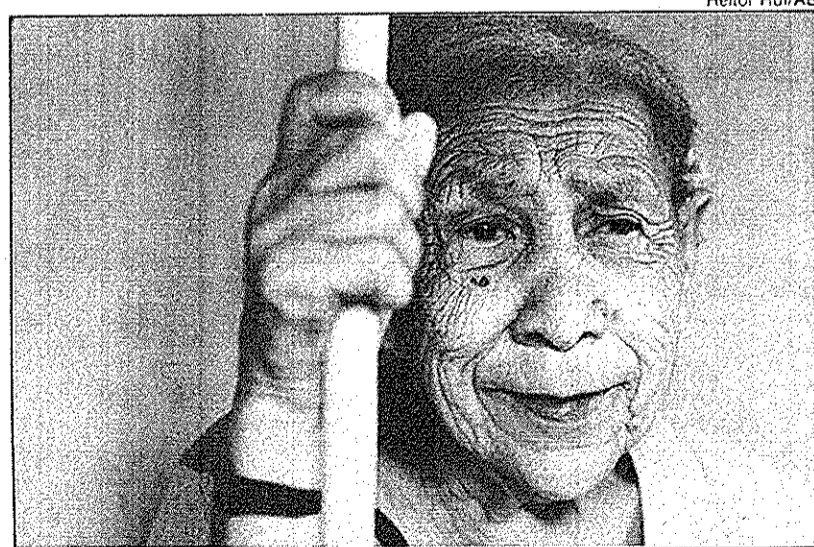
**MAIOR PARTE DA ENERGIA SERVIRIA À CBA**

# Remanescentes dos quilombos criticam obra

A ocupação histórica do Vale do Ribeira deve-se, principalmente, à exploração do ouro e do chumbo. Escravos foram levados para lá, no século 17, para garimpar ouro. Fugiram ou mataram seus feitores e fundaram quilombos que ainda hoje permanecem como comunidades negras. A garimpagem deu lugar à agricultura e aos bananais, mas as comunidades permaneceram no local.

Com as barragens, não só os antigos quilombos seriam inundados, como os bananais mais produtivos. Fora da várzea, as bananeiras são plantadas nas encostas íngremes da serra, sujeitas à erosão, de fertilidade mais baixa e acesso difícil.

As comunidades negras não têm título das terras que ocupam, mas estão reivindicando o direito coletivo de possuí-las, com base na Constituição de 1988, no artigo 68 das Disposições Transitórias, que trata dos remanescentes de quilombos. A mais articulada das comunidades do Ribeira é Ivaporunduva, localizada a 48 quilômetros de Eldorado. A moradora mais antiga, Joaquina Marino, tem 83 anos e já nasceu ali. O líder comunitário, José Rodrigues da Silva, conta que a igreja Nossa Senhora do Rosário foi construída em 1690 e diz ter um documento de meados do século 18, de um enviado do rei de Portugal, que subiu de Iguape pelo Ribeira e ali encontrou o quilombo Ivaporunduva. Os documentos e relatos orais fazem parte



Joaquina Marino, de 83 anos, é a moradora mais antiga do local

de um laudo do antropólogo Guilherme dos Santos Barbosa, que integra o pedido de titulação das terras, a ser encaminhado à Procuradoria-Geral da República.

Os descendentes de escravos não pretendem obter a titulação para serem desapropriados e ver as terras inundadas pela barragem de Batatal. "Não dá para expulsar o povo do campo para fazer enxame na cidade", declara Rodrigues. "Eles deveriam investir naquilo que o povo acha que é desenvolvimento e não no desenvolvimento deles."

O empresário Antonio Ermirio de Moraes tem outro conceito para o

desenvolvimento da região. Ele acredita que tudo possa ser feito nas margens dos reservatórios das hidrelétricas. "Aquele é uma região extremamente pobre, sem qualquer oportunidade de emprego", diz. "Vamos criar 1.500 empregos diretos e ainda queremos fazer uma verdadeira reforma agrária, reassentando os posseiros no entorno do lago."

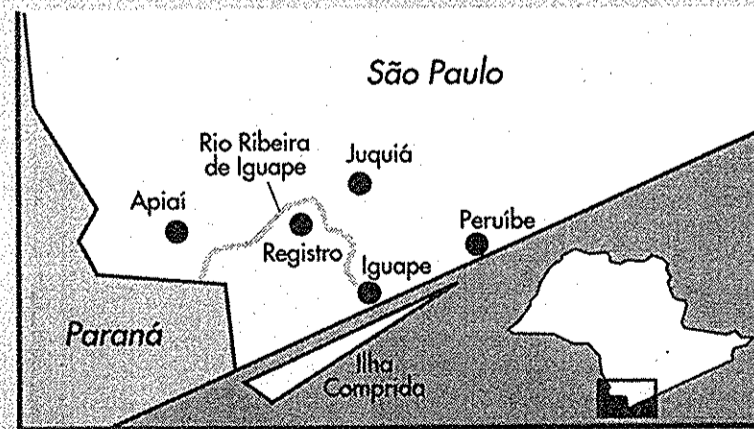
O empresário lembra, ainda, que Tijuco Alto ajudará a controlar 30% das

enchentes do Ribeira, que atingem diretamente todos os ribeirinhos à jusante da barragem. Com a construção de Funil e Itaoca, pela Cesp, as enchentes serão quase totalmente controladas. "Com as barragens, o Vale do Ribeira poderá investir numa indústria de hotelaria e turismo de grande potencial", acredita Antonio Ermirio. O diretor da Cesp, Fernando Camargo, diz que parte da energia produzida abastecerá a pró-

**ESCRAVOS CHEGARAM À REGIÃO NO SÉCULO 17**

### ONDE FICA O RIO

O Ribeira de Iguape é o último grande rio paulista que corre em leito natural



O Estado de S. Paulo